



## **EDUCAÇÃO E MÍDIAS EM TEMPOS DE MODERNIDADE LÍQUIDA**

Alessandra Maria Martins Gaidargi-Garutti <sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo, de caráter teórico-conceitual, aborda a relação entre educação e mídias atualmente, baseado em conceitos de Zygmunt Bauman acerca da liquidez das relações modernas e no conceito de educação para a liberdade de Paulo Freire, contextualizadas a partir do momento atual e considerando seu aprofundamento a partir das dinâmicas impostas pelo distanciamento social. A partir de revisão de literatura apresentamos uma análise do momento atual da educação, em que a utilização de mídias se tornou comum a todas as escolas e níveis, deixando mais evidente a necessidade de atenção às relações estabelecidas em ambiente escolar, ainda que virtualmente. Este estudo traz considerações acerca da utilização das mídias na escola, considerando as mudanças ocasionadas por esta utilização no paradigma newtoniano-cartesiano de educação, abrindo portas para a mudança para um paradigma sistêmico e digital.

**Palavras-chave:** Educação; Mídias; Bauman; Freire.

### **INTRODUÇÃO**

Atualmente a educação passa por muitos desafios para se aproximar dos alunos, que cada vez mais se individualizam e buscam conhecimento por conta própria, através dos meios midiáticos e tecnológicos disponíveis. A atual condição de distanciamento social levou a tecnologia ao centro das discussões acerca da educação, tornando esta discussão ainda mais relevante.

A partir da perspectiva freiriana, educação é prática de liberdade. Os seres humanos educam-se em comunhão mediatizados pelo mundo (Freire, 2011b), sendo a educação atividade exclusividade humana e a partir da qual mulheres e homens humanizam-se, compreendem-se sujeitos de suas histórias. Considerando a forma como as mídias e tecnologias permeiam as atividades humanas na atualidade, torna-se

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Educação na Universidade Nove de Julho, São Paulo/SP – alessandra.gaidargi@gmail.com



impossível considerar uma educação que acontece com e no mundo (Freire, 2011a) sem que se considere o uso das mídias nesta educação.

O advento da internet e a conexão do mundo em rede representa a democratização da informação, a tecnologia permite o acesso à informação de qualquer computador ou smartphone ligado à rede. Entretanto, o simples acesso à informação não determina educação.

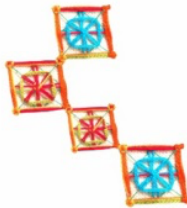
A informação é, hoje, oferecida em larga escala, porém nem sempre com veracidade. A escola, que já não pode apartar-se das mídias e da tecnologia de conexão, precisa posicionar-se como orientadora e não como opositora da identificação do jovem com as tecnologias. Considerando a penetração da internet na vida cotidiana dos alunos de todos os níveis, desconsiderá-la seria desconsiderar a própria história de vida de cada aluno, o que implica numa educação que não é libertadora porque não entende alunos e alunas como sujeitos de sua história (Freire, 2011a), não lhes confere a autonomia de ser. Entretanto, se as mídias forem consideradas enquanto parte do processo de sua construção de conhecimento, a escola pode auxiliar estudantes na busca pela informação por diversos meios, educando-os para utilizar as tecnologias e mídias da maneira assertiva e crítica.

Zygmunt Bauman (2010) aponta, em sua obra *Capitalismo Parasitário*, a característica básica de nossa realidade atual:

No mundo líquido moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por prazo indeterminado) prenuncia um futuro prenhe de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem. (BAUMAN, 2010, p.41)

Desta forma, uma das necessidades da escola passa a ser tornar-se identificável com este aluno, que se vê acuado pela proposta de um ensino estagnado onde sua atuação no processo educativo se resume a ouvir e comprovar que aprendeu. De acordo com Bauman (2010, p.41) “a perspectiva de se ver restrito a uma única coisa a vida inteira é repulsiva e apavorante” para o ser humano, na escola e em toda a sua vida. Nesse sentido a educação tem de estar sempre em construção para suprir as expectativas deste aluno.

Visando esta integração entre o aprender e o viver a realidade surgem iniciativas de educação para as mídias, conceito de educação utilizado amplamente na América



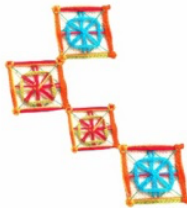
Latina, onde o aluno é orientado a produzir e compreender os diversos veículos de comunicação, criando uma ponte com o mundo e podendo, a seu tempo, explorar a informação que recebe de maneira adequada. Estes projetos tem se desenvolvido bastante nos últimos anos, porém o advento do distanciamento social acelerou e intensificou os processos de educação mediado por tecnologias, nem sempre de maneira ordenada devido ao caráter emergencial em que se deram, trazendo à tona a necessidade de que a escola se atente às relações possibilitadas por este modelo educativo que, a despeito de se dar a partir de tecnologias diversas que permitem que se vença a distância física, promove interações entre educadores e educandos que serão importantes em seu processo de desenvolvimento humano.

A partir de ampla pesquisa de caráter teórico-conceitual na literatura da educação, a partir dos referenciais teóricos de educação para a liberdade e autonomia de Paulo Freire e da liquidez nas relações modernas de Zygmunt Bauman, este estudo explora possibilidades para a educação que se vale dos recursos de mídia e tecnologias não apenas como coadjuvantes dos processos educativos, mas como meios pelos quais a própria educação se dá, apoiada em liberdade e autonomia de ser de alunas e alunos, permitindo relações ativas entre os componentes da comunidade escolar, ainda que virtuais.

## **PRATICANDO AUTONOMIA E LIBERDADE PELA EDUCAÇÃO**

A oportunização da aquisição de autonomia, que por sua vez é caminho para a libertação, não pode ser dissociada do próprio ideal de educação humanizadora. Para tanto é imprescindível que todo processo educativo seja embasado em diálogo.

O diálogo é o encontro dos homens, é o lugar onde juntos eles educam-se (Freire, 2011a). Entretanto o diálogo que humaniza não é o diálogo da troca de palavras apenas, é o diálogo da troca de experiências, do reconhecimento de homens e mulheres como sujeitos de suas histórias, dando origem às relações dialógicas. Logo, uma vez que não se caracteriza pela palavra direta e si pelo encontro de ideias e ideais, o diálogo é possível a partir de qualquer meio que se utilize para a educação, mesmo aqueles que não contemplam nenhuma interação física. De fato, o diálogo começa antes mesmo do



encontro entre as pessoas, real ou virtual. De acordo com o referencial freiriano, a educação que liberta é dialógica, e sua dialogicidade começa “não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes” (FREIRE, 2011b, p.115). Em outras palavras, a raiz do diálogo freiriano reside no campo das ideias, que independe de contato físico.

Entretanto, para uma educação dialógica, que considera a necessidade da autonomia, é importante que haja o momento reflexivo entre os homens e mulheres. Ainda que a necessidade do encontro físico não seja imperativa, de alguma forma educandos e educadores, e educandos entre si, precisam ter espaços de troca, para a partir da comunicação e integração de ideias possam compreender sua existência e educar-se. O diálogo leva ao esclarecimento de ideias e também à ação coordenada.

A educação dialógica é aquela que privilegia o sonho. O sonho possível, evidentemente, não o sonho fantasioso. Para uma educação de sonhos possíveis é fundamental o diálogo, tanto quanto a inserção do processo educativo na vida que se desenrola dentro e fora dos muros escolares, visto que é educação que se faz em relação de sujeitos com vidas diferentes, onde ninguém deposita ou transfere conhecimentos a ninguém (FREIRE, 2011b) e também ninguém se educa sozinho. Esta educação não existe apartada da realidade, portanto, atualmente, não existe apartada da tecnologia. E isto independe da questão de isolamento social – ainda que este tenha determinado um impacto maior das mídias na educação.

Considerando estes importantes fatores, cabe a avaliação das relações que se constroem a partir das tecnologias, se seriam de fato dialógicas oportunizando a educação como formação humana, ou líquidas e marcadas pela superficialidade que pode decorrer da comunicação a partir dos *media* por permitir uma dissociação entre os sujeitos.

## **EDUCAÇÃO E RELAÇÕES LÍQUIDAS**

Pensar em educação como algo estático, na perspectiva da modernidade líquida, torna-se um pesadelo para os estudantes – panorama muito diferente do que buscamos,



onde o aluno tem a escola como sonho e como força de impulso para alcançar outros sonhos. Nas palavras de Bauman (2010, p.42), “a idéia de que a educação pode consistir em um produto feito para ser apropriado e conservado é desconcertante”. Cabe então aos educadores pensar propostas que consigam interagir com a liquidez de relações às quais seus alunos estão expostos sem que, nesta intersecção, tornem-se líquidos também os ideais educativos.

Encontrar um caminho para se conectar aos estudantes é tarefa duplamente árdua ao professor que ousa questionar e revolucionar a educação moderna. Além da questão da superação de dogmas e paradigmas que estão consigo desde sua formação, a fim de romper com o tradicionalismo e abrir portas para novas formas de ensinar, exige-se dele que desempenhe o papel de interlocutor de um mundo que ele mesmo não domina por completo, que muda a todo o tempo.

Esta questão particular deve ser considerada para evitar a banalização do novo contexto do educador numa educação que faça sentido ao jovem. Se, como afirma Bauman (2010, p.43), “em todas as épocas o conhecimento foi avaliado com base em sua capacidade de representar fielmente o mundo” como deve agir o professor que se vê diante de um mundo em constante movimento, mudando de forma a desafiar, constantemente, a verdade do saber postulado, já existente?

No atual contexto, em que na maior parte dos casos os educandos estão muito mais familiarizados com as questões de tecnologia que os educadores, tornou-se um desafio docente utilizar as mídias para possibilitar a educação sem o encontro físico sem que se torne uma barreira ao estabelecimento de comunicação dialógica.

## **APROXIMANDO A EDUCAÇÃO DA REALIDADE**

A educação para as mídias tem como proposta educar na intersecção entre os saberes já estabelecidos e os novos, que surgem diariamente, através de práticas que envolvem as tecnologias que fazem parte da vida dos estudantes em suas relações diárias e das quais eles se apropriam sem precisar de ajuda, entretanto canalizando o conhecimento apreendido por meio delas.



O uso de novos recursos para a educação, principalmente aqueles que foram integrados à vida dos alunos por eles mesmos em sua descoberta de mundo, parece uma alternativa viável para aproximar esta escola que ficou parada no tempo do estudante que está a frente de seu próprio tempo, tendo dificuldade inclusive de se encaixar nele. O educar para as mídias, para as relações humanas que se desenvolvem a partir da comunicação virtual, é, de certa maneira, a proposição de um inédito viável (Freire, 2011a) a uma educação que já está permeada pelas mídias.

A busca da escola acontece no sentido de compreender os novos desafios que se abrem diante de seus estudantes e oportunizar a eles meios de construir soluções para superá-los, sentindo-se pertencentes à sua sociedade ainda que ela seja rápida e muitas vezes fugaz. De acordo com Bauman (2010, p.45) “num mundo como este, o conhecimento é destinado a perseguir eternamente objetos sempre fugidios que, como se não bastasse, começam a se dissolver no momento em que são apreendidos” e, esta velocidade desenfreada do novo, pode representar um fator de desmotivação para o aluno, que precisa se sentir apoiado e incentivado pelo educador para não desistir de aprender, ainda que não se tenha mais como outrora o aprendizado como um tesouro sólido e imutável.

A necessidade de se reinventar imposta aos jovens pela modernidade líquida, uma vez consideradas as premissas de Bauman de que qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento e nada pode ser feito de uma vez por todas neste momento histórico, ultrapassa os sujeitos e acaba se tornando também necessária à instituição escola, que se não adere à transformação gradual e multifacetada se distancia irremediavelmente do seu aluno. Esta parece ser a grande inovação necessária a escola, dar-se conta de que não é necessária uma mudança para um novo estado, e sim um estado de mudança em curso. É a grande ruptura com o paradigma newtoniano-cartesiano, ao qual a escola ainda se agarra muitas vezes, para o acolhimento de um paradigma sistêmico, que compreenda o aluno como um todo integrado ao seu mundo, e digital, que compreende a sala de aula como um espaço de troca, independente de carteiras e alguém transmitindo conhecimentos para outrem.

Neste caminho, a proposição de uma educação onde alunos e alunas obtivessem meios de compreender e utilizar os recursos de mídia sem se tornar, neste processo,



manipulados por elas, ganha destaque. E é aí que reside a importância dos projetos de educação para as mídias, que passam a ser englobados no currículo de diversas escolas, tornando-se, inclusive, alvo de políticas públicas em alguns municípios como São Paulo.

Todavia, não se pode apartar, num processo de educação e comunicação compostos, o instrumento da realidade que ele leva ao jovem, da verdade que ele traz – e que é a essência do interesse do aluno pelo instrumento. Engana-se aquele que vê o aluno como usuário simplista de um computador ou de uma estação de rádio por sua característica tecnológica apenas, por seus botões. Ou que entende que ele utiliza as mídias sociais apenas para distração. O que encanta meninos e meninas, homens e mulheres, é a conexão que as tecnologias permitem, o que podem fazer junto ao mundo externo, e quanto mais rápida a velocidade de informação permitida maior o apreço do aluno pelo meio.

Isto posto, fica claro que o professor precisa, ele também, interagir com este mundo externo que a ferramenta tecnológica possibilita. Do contrário, não será capaz de participar da relação do sujeito com o conhecimento, pois, como ressaltado anteriormente, este conhecimento é mutante, não mais o que foi adquirido pelo educador em sua formação e talvez diferente até mesmo do que foi adquirido na semana anterior. Zygmunt Bauman (2010, p.50) exemplifica: “Foi o mundo fora da escola que mudou muito em relação ao tipo de mundo para o qual as escolas descritas por Myers ou Jaeger preparavam seus alunos”. E, sendo assim, o professor não pode pretender direcionar seus estudantes se desconhecer a realidade ou se não se permitir interagir com ela a partir de seus muitos meios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando que as duas frentes para o triunfo do conhecimento na modernidade líquida seriam a informação e a educação, há que se encontrar formas de que estas duas variáveis caminhem da forma mais próxima possível dentro da escola, ainda que sua total fusão ainda não nos seja concebível de forma estruturada. Bauman ilustra a situação de avanço perfeito destas duas frentes da seguinte forma:



Em ambas as frentes, “a linha de chegada” desse avanço – o fim da guerra – era visualizado com clareza desde o início: no final, todos os vazios seriam preenchidos, um mapa-múndi completo teria sido traçado e um número suficiente de canais de educação estaria disponível para os membros da espécie humana, com todas as informações necessárias para que eles se deslocassem livremente pelo mundo mapeado. (BAUMAN, 2010, p.55)

Porém, como o próprio Bauman explica, esta linha de chegada ainda está distante. Entretanto a educação não se dá por vencida e, de um destes esforços a educação para as mídias parece estar preenchendo um espaço desta lacuna.

O movimento dos projetos de educação para as mídias, impulsionados pela atual situação de escolarização massiva a distância, surgem na contramão histórica da fuga da informação ameaçadora por sua quantidade e velocidade, exacerbada e desordenada. Pelo contrário, acolhem o fato mais que consolidado de que a realidade hoje é esta, o futuro é um dado dado (Freire, 2011a). Encarando de frente o fenômeno informativo moderno, o educador que se propõe a ensinar seu aluno a se comunicar e utilizar os aparelhos que existem para se fazer ouvir, com consciência real do poder da ferramenta da qual se utiliza, enfrenta os medos comuns à escola moderna, combatendo o que talvez seja um dos maiores males que acometem o jovem aluno brasileiro: o total desinteresse pela educação, simplesmente por não conseguir assimilar o caráter formativo e emancipatório intrínseco à algumas propostas de educação.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo, Paz e Terra, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 2011b.